

## **Consensos e Conflitos Ecumênicos em torno da Missão Cristã**

### **Uma Avaliação a partir da Conferência de San Antonio\***

**Gottfried Brakemeier**

#### **Introdução**

Willem A. Visser't Hooft, o primeiro secretário-geral do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), ao abrir a Conferência Mundial de Missão e Evangelização de 1963, na cidade do México, qualificou as missões como prova da fé. Há várias maneiras — disse ele — de a fé ser submetida a exame, “mas não há prova mais decisiva do que converter a fé em testemunho missionário”<sup>1</sup>. O mesmo é verdade em relação ao ecumenismo. A missão como comunicação do evangelho e convite para dele participar<sup>2</sup> põe à prova a fraternidade eclesial e a disposição para cooperar.

São conhecidos os impulsos que o ecumenismo recebeu particularmente do movimento missionário. A Conferência Mundial de Missão realizada em 1910 em Edimburgo na Escócia é tida como marco inicial do movimento ecumênico moderno. Os missionários em seus campos de trabalho sentiam dolorosamente os entraves que a concorrência das denominações lhes impunha. A divisão das igrejas significa prejuízo para a missão. Desacredita a mensagem. Para o bom êxito, pois, a missão necessita do espírito ecumênico. É digno de registro que a Conferência de Edimburgo “havia insistido na implantação de *uma única Igreja unida* em cada país de missão como o melhor método de promover a meta da evangelização mundial”<sup>3</sup>. Ainda que este sonho não tenha se concretizado, foram lançadas sementes que vieram a germinar em benefício do movimento ecumênico. Resultaram na criação do Conselho Mundial de Igrejas em 1948.

Paradoxalmente, porém, o empenho missionário não só promoveu a unidade da Igreja. Provocou também novas divisões. No início da década de 1970/80 separaram-se os “evangelicais” e os “ecumênicos”, como costumavam ser chamados<sup>4</sup>. O “Pacto de Lausanne”, firmado no Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial, realizado em 1974 na cidade do mesmo nome, articulou o protesto dos evangelicais contra os rumos que o debate sobre missão ia tomando.

Na verdade o Conselho Mundial de Igrejas teve dificuldades em aglutinar as

expectativas heterogêneas dos grupos engajados na missão. Somente em 1961, na III Assembléia Geral em Nova Délhi, o Conselho Missionário Internacional, embora protagonista da causa ecumênica, conseguiu integrar-se<sup>5</sup>. Desde então o Conselho Mundial de Igrejas, através da Seção “Missão e Evangelização”, responde também pela missão numa perspectiva ecumênica. Organiza, entre outras, as Conferências Internacionais de Missão e Evangelização, das quais a de San Antonio, nos Estados Unidos, realizada em 1989, foi a décima e, por ora, última. A fusão dos conselhos, porém, foi um processo gerador de polêmicas. A missiologia sob o teto do CMI fez aflorar graves conflitos. Entre outros, fez com que o referido movimento de Lausanne passasse a realizar congressos paralelos, o último em Manila, nas Filipinas, poucos meses depois daquele de San Antonio.

Qual é a missão de que o evangelho incumbe e que o mundo de hoje exige? Nesta questão se dividem as opiniões, aliás não só entre “evangelicais” e “ecumênicos”. No próprio CMI encontra-se uma variedade de posições, sendo que o mesmo vale para o movimento evangelical. Essa observação levanta a pergunta se San Antonio e Manila realmente defenderam pontos de vista irreconciliáveis. Voltaremos ao assunto. De qualquer maneira, a missão tem sido e continua sendo um tema controvertido. Sacode as igrejas e lhes pede reação.

Tais reações ultimamente não faltaram. Um ano antes de San Antonio a Federação Luterana Mundial (FLM) expediu a declaração *Together in God's Mission*. Em 1990 o papa João Paulo II enviou sua encíclica *Redemptoris Missio*, dando continuidade à encíclica *Evangelii Nuntiandi* de seu antecessor Paulo VI, de 1973. De relevância ainda não suficientemente valorizada é o documento do CMI adotado pelo Comitê Central em 1982 sob o título “Missão e Evangelização — uma Afirmação Ecumênica”. Seja mencionado também o debate entre evangelicais e católicos, cujos resultados se encontram compilados no livro *A Missão da Unidade*<sup>6</sup>. É abundante a contribuição do movimento evangelical sobre a matéria<sup>7</sup>. Na América Latina o tema da evangelização aflorou de maneira particularmente constrangedora quando da comemoração dos 500 anos de conquista da América, em 1992. Mas muito à parte dos motivos especiais esse tema tem estado na pauta de inúmeros encontros nacionais e internacionais, provocando uma avalanche de literatura.

Também na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) existe uma história a lembrar neste tocante, desde o IX Concílio Geral em 1974 sob o tema “A IECLB — Igreja Missionária no Brasil”<sup>8</sup> até a Consulta sobre Missão realizada em 1993. Cresce a consciência de que a Igreja tem futuro somente como Igreja missionária; que a missão não é tarefa opcional, e sim obrigatória; que Igreja e missão no fundo são sinônimos<sup>9</sup>. Estaremos no limiar de uma nova arrancada missionária das igrejas?

As aparências não justificam tal prognóstico. A missão se encontra em profunda crise. Além das divergências na compreensão, ela enfrenta fortes suspeitas e assustadora desmotivação. Há embaraços a vencer decorrentes de uma

história traumatizante de aliança entre missão e colonialismo<sup>10</sup>. Por não poucas a missão é acusada de ser, por natureza, invasão cultural e agressão à liberdade individual<sup>11</sup>. Ademais, o desprezo à fé, típico de um mundo secularizado, se constitui em forte fator inibidor. Da missão muito se fala, mas poucos são os paradigmas convincentes que inspirassem uma nova prática<sup>12</sup>.

Não é possível desenvolver, neste estudo, a complexidade da problemática, ainda que constitua seu pano de fundo. Nosso objetivo é outro: queremos avaliar o estágio da discussão ecumênica sobre a missão. É claro que para tanto os documentos de San Antonio serão a fonte primária. Mas não podemos desconsiderar a história anterior a essa Conferência, nem podemos ignorar os acontecimentos paralelos em Manila. Estamos em vésperas de mais outra Conferência Mundial sobre Missão e Evangelização. Terá lugar em 1996, em Salvador da Bahia, sob o tema “Chamados para uma Mesma Esperança. Evangelho e Pluralidade de Culturas”. Nada mais oportuno, pois, do que resgatar a memória do debate sobre missão, identificar consensos, impasses e pistas ecumênicas, bem como apontar para questões abertas ou conflitos remanescentes. Desenvolveremos o assunto em quatro blocos.

## **1. Missão à Maneira de Cristo**

A Conferência de San Antonio foi realizada sob o tema “Seja Feita a Tua Vontade — Missão à Maneira de Cristo”<sup>13</sup>. A primeira parte obviamente remete à Conferência de Melbourne, em 1980, cujo tema era “Venha o Teu Reino”. San Antonio prosseguiu com a terceira prece do Pai-Nosso, expressando o anseio pelo cumprimento da vontade de Deus neste mundo, colocando a missão a serviço da mesma e reafirmando a soberania de Deus como meta da história. Enquanto isso, o subtema especifica. Estabelece a cristologia como parâmetro da missão. Em si, a formulação “missão à maneira de Cristo” não é nova. Encontra-se já naquela afirmação ecumênica do CMI de 1982 a que nos referimos acima. Também no mais San Antonio deve valiosos impulsos àquele documento. Se vejo bem, a reorientação cristológica da missão, acolhida por San Antonio e tão em evidência em seu tema e seus documentos, representa um dos grandes avanços ecumênicos dos últimos tempos. A ênfase na pessoa de Cristo como modelo missionário não elimina o horizonte trinitário global. A missão cristã tem sua raiz no Deus trino. Ainda assim, o recurso “à maneira de Cristo” evita ambigüidades. O que é missão, isto se aprende com Jesus Cristo.

Para aquilatar a importância dessa afirmação é preciso retroceder um pouco na história. Há quem considere a 5ª Conferência Mundial de Missão, realizada em Willingen/Alemanha, em 1952, como o divisor de águas da teologia da missão<sup>14</sup>. Na oportunidade teve início o que, com alguma razão, podemos qualificar como um processo de “desapropriação” das igrejas. De acordo com as teses do holan-

dês J. C. Hoekendijk, apresentadas nessa Conferência, a missão não deve ter por objetivo a expansão da Igreja. Deve, isto sim, servir à causa de Deus. A Igreja é deslocada do centro da missão para a margem. Não em Willingen, mas pouco depois e em absoluta consonância com a concepção de Hoekendijk, começou-se a falar na “missão de Deus”, expressão provavelmente proveniente do missiólogo K. Hartenstein<sup>15</sup>. Ela se dirige polemicamente contra o eclesiocentrismo da missão. A missão não existe em função da Igreja, e sim a Igreja existe em função da missão de que Deus mesmo é o agente.

A fala na *missio Dei* teve acolhida extraordinariamente rápida. Ela articula o óbvio, a saber, o rigoroso compromisso da Igreja com os interesses de Deus. A bem da verdade deve ser admitido que também as missões antigas pretendiam servir ao evangelho, não à causa própria. Mas a formulação protege contra a ingênua confusão das esferas e remete inequivocamente a Deus como origem e critério da missão cristã. Ela expressa um consenso ecumênico, mantendo viva a consciência da diferença entre a missão da Igreja e a missão de Deus.

E, no entanto, a fórmula *missio Dei* pode cobrir interpretações conflitantes. Uma versão extrema é oferecida num documento de estudo do CMI, elaborado por solicitação da Assembléia de Nova Délhi. Recebeu o título “As Estruturas de Comunidades Missionárias”<sup>16</sup> e determinou fortemente as resoluções da IV Assembléia Geral do CMI, realizada em Uppsala, em 1968. Nesse estudo, inspirado nos pensamentos de Hoekendijk, a distinção entre missão de Deus e missão da Igreja é levada ao ápice. Deus, assim se afirma, atua no mundo também sem Igreja, além e fora dela. Por isto a Igreja participa da missão de Deus, ela é em sentido radical “apóstola” (= enviada), mas de modo algum é sua promotora exclusiva. A Igreja se torna secundária. A missão não tem por objetivo construir Igreja, e sim transformar o mundo. O surgimento de novas comunidades de fé é esperado como efeito implícito da missão, mas não é considerado digno de preocupação especial. Cumpre à Igreja consumir-se no serviço à missão<sup>17</sup>.

Olhando em retrospecto as turbulências causadas por esta concepção, cabe reconhecer que ela promoveu um processo salutar: afastou de vez o mal-entendido de que a Igreja seria a dona da missão e abriu a visão para as dores do mundo. Missão é mais do que propaganda eclesiástica. Simultaneamente, porém, legou como herança a pergunta pelo correlacionamento adequado entre a missão de Deus e a comunhão dos santos que dela nasce<sup>18</sup>. A especificação da *missio Dei* pelo agir de Cristo é neste tocante um grande auxílio. Não recai no eclesiocentrismo, como também rejeita o eclesio-indiferentismo. A missão à maneira de Cristo reaproxima a missão de Deus e a missão da Igreja, sem voltar a identificá-las.

Nestes termos está se preparando mais outra convergência ecumênica. No Congresso de Manila, também chamado Lausanne II, a tônica cristológica estava em forte evidência<sup>19</sup>, e a tradução de um dos livros de John Stott, destacado líder evangélico, tem por título “Enviados como Cristo”<sup>20</sup>. Algo análogo podemos observar na encíclica *Redemptoris Missio*, que, como revela o título, embasa a

missão na obra de Cristo. Daí por que a missão evangelizadora da Igreja pode ser compreendida na Igreja Católica como “prolongação da missão de Cristo que não admite barreiras humanas”<sup>21</sup>. Essa convergência não significa unanimidade. Contudo, é significativo que a discussão sobre a autenticidade da missão volte a atenção ao missionário Jesus. Nele se decide também a autêntica eclesiologia. Igreja e missão têm ambas em Jesus o referencial normativo.

Permanecem perguntas, todavia. O relatório da Seção IV de San Antonio, trabalhando o tema “Em direção a Comunidades Renovadas na Missão”, não deixa sombra de dúvida de que a missão cria comunhão. Mas qual? A necessidade de comunhão é a um só tempo “profundamente humana e profundamente cristã” (p. 389). O relatório fala da redescoberta da dimensão comunitária da fé; insiste na renovação das comunidades missionárias; apela para o compartilhar de recursos. Portanto, a missão de Deus tem em vista, não só mas também, a construção de comunhão; tem em vista a formação de Igreja, bem como novidade de relacionamento humano em geral.

A visão do que seria uma comunidade ecumênica, entretanto, permanece vaga em San Antonio. Valoriza-se muito a comunidade local, convidada a atuar para além de suas fronteiras. Mas faltam esclarecimentos sobre a relação entre as dimensões confessional e ecumênica de tal comunidade. Como surge, como se organiza? Com razão o proselitismo é rejeitado. Mas o desafio ecumênico já está na raiz da *koinonia*: a fé não deixa de exigir uma determinada filiação eclesiástica<sup>22</sup>. Os conflitos ecumênicos daí resultantes poderiam ser contornados apenas pela renúncia à edificação de comunidade. A missão iria limitar-se, neste caso, ou à conversão de indivíduos ou à transformação da sociedade. É claro que esta não é a missão à maneira de Cristo. Com muita propriedade se sublinhou em San Antonio a importância da comunidade de fé.

O problema está precisamente nas “estruturas ecumênicas” que o relatório exige para a atuação missionária das igrejas em nível internacional. Elas fazem-se necessárias na Igreja de Cristo em geral. Faltam-nos modelos de “comunidades ecumênicas”, aliás não como alternativas às comunidades confessionais existentes. Não posso me imaginar comunidade de Jesus Cristo sem base confessional. A comunidade ecumênica não será outra ao lado das atuais comunidades de fé, mas vai ser constituída por estas. Como conciliar a unidade e a diversidade? Também Manila não oferece ajuda no tocante a isso. Repudia a competição entre as igrejas e destaca por sua vez a importância da comunidade local<sup>23</sup>. Mas um modelo de comunidade ecumênica ainda está por ser elaborado. Missão à maneira de Cristo requer cooperação e fraternidade eclesial, não por último para segurar as missões das igrejas firmemente atreladas à missão da uma Igreja de Jesus Cristo.

## 2. Missão para a Fé e Missão para a Justiça

Evangelização e responsabilidade social formam um conjunto inseparável. Essa afirmação entrementes faz parte das convicções ecumênicas comuns. A mensagem de San Antonio mais uma vez o reforça. Identifica a preocupação de fazer jus à plenitude do evangelho. Importa, assim diz a mensagem, manter em tensão criativa “as necessidades espirituais e materiais, a oração e a ação, o evangelismo e a responsabilidade social, o diálogo e o testemunho, o poder e a vulnerabilidade, a dimensão local e universal” (p. 338.) Algo análogo se lê no “Manifesto de Manila”, que traz o título: “Chamado a Toda a Igreja a Levantar o Evangelho a Todo o Mundo”. O compromisso com a justiça, a denúncia da opressão, a escuta do clamor dos pobres, o imperativo da solidariedade já não mais polarizam a missão. São vistos como seus componentes obrigatórios. A missão tem que ser integral, sem suprimir nenhum de seus aspectos. Este reclamo, progressivamente ecumênico, talvez seja outro fruto da reflexão sobre a “missão à maneira de Jesus”.

Isso significa que a proclamação do evangelho, a comunicação da história de Jesus, o testemunho da fé são essenciais na missão. No dizer de Emilio Castro em sua introdução à “Afirmação Ecumênica” de 1982, o evangelho jamais permite ser considerado propriedade privada. Pertence aos nossos vizinhos, devendo ser compartilhado por esta razão<sup>24</sup>. Portanto, conhecer a história de Jesus é algo como um direito humano. Logicamente o testemunho não se resume a uma questão apenas verbal. O relatório da Seção I de San Antônio, com o tema “Voltando ao Deus Vivo”, fala num testemunho de vida (p. 350), pressupondo presença, sensibilidade, disposição para servir, afirmação dos feitos de Deus, amor (p. 351). A palavra evangelizadora não substitui a ação solidária, nem esta aquela. Daí por que a passagem para o tema da Seção II, voltada à participação no sofrimento e na luta, não exige nenhuma acrobacia lógica. Pois a resistência a estruturas opressivas e o combate à injustiça são igualmente formas de testemunho do evangelho.

A conjugação dessas dimensões é resultado de uma longa história de conflitos. Ela supera o que se poderia chamar um processo de “secularização” da missão. Novamente nos referimos ao estudo do CMI intitulado “As Estruturas de Comunidades Missionárias”, dos anos setenta. Nele se preconizava como objetivo da missão o *shalom* em lugar da “salvação”, na suposição de este termo abranger ambas as dimensões da esperança: a espiritual e a material. *Shalom* designa o estado de sanidade integral da criação, estado este que deverá realizar-se na história como renovação individual e social. É o conjunto das dádivas esperadas para a era messiânica. A missão de Deus teria por meta a implantação desse *shalom* no mundo. Conseqüentemente, a missão se concretiza como transformação social, sempre em busca do bem-estar, da paz, da utopia de uma nova sociedade. A missão se torna idêntica a engajamento libertador e processa-se essencialmente como diaconia.

Na opinião dos críticos, esta concepção desloca a ênfase indevidamente para a ética social. A pergunta-chave é: que significa “salvação hoje”? Foi exatamente este o tema sob o qual se reuniu a Conferência Mundial de Missão em Bangkok, em 1973. A missão tem em vista a “salvação”. Mas em que termos? Será permitido substituir “salvação” por “humanização”, termo de que se falara enfaticamente em Uppsala? E caso não se trate de alternativa, como definir a relação? A missão deve pretender o quê? Que é prioritário: a paz com Deus ou a paz entre os seres humanos; a vida aqui ou a vida eterna; a justiça social ou a justificação por graça<sup>26</sup>?

O impacto causado pelas novas ênfases foi imenso. Criou incertezas e conflitos, resultou na formação do Movimento de Lausanne em 1974, conduziu o Conselho Mundial de Igrejas ao limiar de uma implosão. A V Assembléia Geral, porém, que teve lugar em 1975 em Nairobi, no Quênia, soube banir o perigo. De acordo com James Scherer, iniciaram nessa Assembléia a “Consolidação e Reconciliação da Missão Ecumênica”<sup>27</sup>. Na subsequente caminhada rumo a um novo consenso, a Conferência Mundial de Melbourne, em 1980, à qual já nos referimos, representa um marco decisivo. Buscou a síntese, evitando a cilada de falsas alternativas e reorientando a missão pelo reino de Deus, pelo qual importa a um só tempo pedir e lutar.

Ademais, Melbourne documenta a enorme aprendizagem ocorrida nos terremotos que abalaram a missiologia. A missão já não pode passar ao largo do clamor dos pobres e oprimidos. A mensagem de San Antonio, destacando fortemente as vozes de angústia e dor ao nosso redor, é herdeira dessa redescoberta do mundo. Simultaneamente, porém, redescobre-se o quanto o reino é de Deus e não nosso. Missão de Deus e reino de Deus são termos correlativos. Ambos exigem oração e ação, a fé e o amor, o anúncio e a luta.

Importa salientar neste contexto uma formulação da Seção II de San Antonio, a que chamou a atenção o então moderador do CMI, Heinz J. Held, e que requer futuros desdobramentos<sup>28</sup>. Essa formulação fala da “missão de Deus para a justiça”. Se interpreto bem, afirma-se com isto a educação para a justiça como sendo a irmã gêmea da educação para a fé. A missão deve despertar a fé no trino Deus. Ninguém a pode dispensar dessa tarefa. Da mesma forma, porém, ela deve motivar para a prática da justiça e lembrar, por denúncia e resistência, que a justiça é base imprescindível do convívio humano. Assim está sendo dado mais um passo rumo à superação do tradicional antagonismo entre o social e o individual, o material e o espiritual. A missão para a fé permanece essencial, não por último porque a ação da justiça nela se inspira e dela se nutre. Mas o inverso também é verdade: uma fé que não se torna atuante na justiça certamente terá outras origens do que a justificação por graça. Os velhos dualismos já morreram ou encontram-se em fase terminal, para o bem do ecumenismo e da missão.

A propensão à integralidade da missão poderia ser comprovada também no

uso ecumênico do termo “conversão”. É extraordinariamente abrangente. Provocar mudança é alvo de ambas, da missão para a fé e da missão para a justiça. Conversão se deve exigir de indivíduos, grupos, nações, das igrejas e das missões, de estruturas e sistemas<sup>29</sup>. Então, podemos falar de um amplo consenso ecumênico? Uma olhada ao Manifesto de Manila revela muitas afinidades com San Antonio. Cito apenas a nona afirmação: “Afirmamos que anunciar que o Reino de Deus é justiça e paz exige denunciar toda injustiça e opressão, tanto de pessoas como de estruturas. Não temeremos dar este testemunho profético.”<sup>30</sup> Palavras semelhantes podem ser encontradas em muitos outros documentos ecumênicos. Não deixa de ser notável a aproximação de posições outrora polarizadas.

Ainda assim, trata-se de um consenso diferenciado. As prioridades podem ser colocadas de modo muito diverso, e o mesmo vale para o peso que se atribui a este ou aquele aspecto<sup>31</sup>. Missão integral não é uma concepção pronta. Abriga um universo de concepções nem sempre harmonizantes. Isto não precisa constituir nenhum prejuízo, desde que a moldura comum seja suficientemente forte para agüentar as tensões. Pretendemos a missão integral, o evangelho todo, a plenitude de vida. Muito bem! Continuemos sondando as dimensões dessa integralidade.

Que ela nos confronta também com novas perguntas seja anotado apenas à margem. A missão para a justiça requer um “ecumenismo prático”, concentrado não nos tradicionais tópicos da fé, e sim em questões éticas. O processo conciliar em torno de “Justiça, Paz e Integridade da Criação”, desencadeado pelo CMI, tem mostrado que tal ecumenismo prático enfrenta não menos obstáculos do que o ecumenismo na fé<sup>32</sup>. A necessidade de a humanidade se juntar na defesa de princípios éticos, vitais para a sua sobrevivência, está acima de qualquer dúvida. Mas o que vem a ser justiça e quais os imperativos urgentes da atualidade — quanto a isto há divergências de opinião. Devemos buscar acordos ecumênicos também na ética, não por último com o mundo não-cristão. Nessa empreitada cabe às igrejas renunciar à tentação de restaurar o modelo da “cristandade” e de impor o seu sistema de valores ao resto da humanidade. O ecumenismo na práxis da justiça, pois, acrescenta outros desafios, urgentes e necessários, ainda pouco refletidos<sup>33</sup>. Sem desmerecer os avanços aí havidos, parece-me que, neste tocante, mal iniciamos a caminhada. Ela exige, além de entendimentos intereclesiásticos, intensos diálogos interculturais. Mas com isto estamos no próximo bloco.

### **3. Humildade e Firmeza**

A Conferência de Edimburgo ainda estava imbuída do otimismo que julgava próxima a cristianização de nosso globo. John Mott, um dos grandes protagonistas da Conferência, proclamara a meta da “evangelização do mundo ainda nesta geração”<sup>34</sup>. Esse sonho acabou. Estava por demais vinculado à hegemonia política e ideológica da Europa e dos Estados Unidos e sofreu esgotamento interno pela

secularização. Hoje o cristianismo se vê acuado de muitas maneiras. Vê redespertar a religiosidade não-cristã em todo o mundo; enfrenta feroz concorrência no campo da fé; sofre sob a síndrome da culpa em razão de seus pecados históricos.

Uma grande desilusão caracteriza a história da missão neste século XX. A fé cristã deve aprender a conviver com a pluralidade cultural. Vive numa situação de “nova vizinhança”. O estranho já não pode ser mantido à distância. A globalização da comunicação, a mobilidade da sociedade, o intercâmbio científico mesclam as culturas, “pluralizam” a convivência e relativizam os valores tradicionais. Insistimos com boas razões na liberdade religiosa como valor democrático fundamental. Ela implica o dever do respeito à alteridade dos parceiros e da renúncia a pretensões monopolistas. Significa isto o fim da missão cristã e a obrigação de se conformar com o relativismo de todas as coisas? Será indiferente em que a pessoa humana crê?

Pelo que vejo é grande a perplexidade perante o fenômeno. A missão *ad gentes* se tornou insegura. Para tanto é sintomática a seguinte colocação: “Hoje se exige uma nova forma de missão, que não mais se dirige a países estrangeiros, e sim a estruturas ‘estrangeiras’. Temos em mente estruturas econômicas, sociais e políticas que de nenhuma forma condizem com os princípios éticos cristãos.”<sup>35</sup> A despeito da preocupação legítima que denotam, estas palavras não podem (e talvez também não queiram) ser aceitas como descrição cabal da missão cristã. Despersonalizam o mandato cristão e ameaçam reduzir o evangelho a uma questão de ética somente. A missão não pode evitar o confronto de convicções religiosas, de tradições culturais, de maneiras de cultuar a Deus.

O evangelho não é cultura. Mas ele existe somente de modo inculturado, uma implicação da encarnação do Verbo. Logo, missão exige re-inculturação, a investidura do evangelho numa nova roupagem cultural. Isto não é descoberta nova, ainda que na história da missão esse princípio tenha sofrido constantes violações. Entretanto, permanece a pergunta: até que ponto é possível o respeito à cultura sem que a essência do evangelho seja ameaçada? Por onde passa a linha divisória entre inculturação e adulteração do evangelho? É uma discussão ultimamente travada em torno do fenômeno do sincretismo<sup>36</sup>. A repulsa a este não raro tem servido de pretexto para bloquear o processo da inculturação e para legitimar dominação cultural em nome de Cristo.

O novo respeito frente às culturas torna-se flagrante na substituição do termo “missão” por “diálogo inter-religioso”. Expressa o propósito de um encontro das religiões e culturas no nível da parceria, ou seja, de igualdade, em que cada qual a um só tempo tem a dar e a receber. A partir daí é pequeno o passo para o que se convencionou chamar de “macroecumenismo” ou ecumenismo integral. É um ecumenismo das culturas, enfatizando “que homens e mulheres, de todas as etnias e culturas do nosso planeta, podem unir-se como irmãos e irmãs, porque ao fim e ao cabo todos somos filhos e filhas de Deus”<sup>37</sup>. Ou, para dizê-lo nas palavras de

Pedro Casaldáliga: “O que importa verdadeiramente não é ser adepto de uma Igreja, mas entrar na dinâmica do Reino (...) sermos lutadores de sua causa.”<sup>38</sup>

O “macroecumenismo” é uma necessidade urgente. Sem paz entre as religiões e as culturas não há perspectiva de paz entre os povos. Mas permanecem problemas a resolver. Como definir aquela dinâmica do Reino que seria a condição básica desse ecumenismo? Ela é de ordem “não-religiosa”, a-confessional, de natureza meramente ética? Existe um reino de Deus sem culto? Estaria Jesus sobrando na dinâmica do Reino? O mundo pluricultural defronta a missão e o ecumenismo com fortes desafios. Aguardamos ansiosos os resultados da Conferência de Salvador. Já em San Antonio, porém, encontramos algumas valiosas pistas indicando saídas dos embaraços:

1. Cabe destaque para a firmeza com que em San Antonio foi reafirmado o “mandato evangelístico” do movimento ecumênico e das igrejas (p. 351). Muito em sintonia com a afirmação ecumênica de 1982 considera-se imprescindível o convite para o discipulado a toda pessoa. A missão, portanto, não pode renunciar à meta de ganhar as pessoas para a causa do evangelho<sup>39</sup>. Simultaneamente, porém, enfatiza-se que o verdadeiro testemunho segue a Jesus Cristo no respeito e na afirmação da unicidade e da liberdade dos outros. A missão não obriga, não pressiona. Como a boa educação, ela possibilita a decisão livre e consciente.

Coerentemente, San Antonio preconiza o diálogo como método missionário condizente. Mas não o faz sem anexar duas importantes observações:

a. Diálogo é mais do que conversa informal. É por natureza “o encontro de compromissos” (p. 352). Particularmente no relacionamento com pessoas de outros credos o diálogo não pode senão estar acompanhado do testemunho. Não se trata de optar entre diálogo e testemunho. Importa conjugá-los na ação evangelizadora.

b. Acrescenta-se a isso a cooperação na promoção da justiça, da paz e da integridade da criação. A fala quer ser complementada pela ação. Mas novamente há que se enfatizar que uma não substitui a outra. Diálogo, testemunho e cooperação têm cada qual uma função inconfundível na missão da Igreja<sup>40</sup>.

2. Outro aspecto que chama a atenção nos documentos de San Antonio é a insistência na humildade. “(...) nós cristãos somos chamados a sermos testemunhas para os outros, não os seus juízes.” (P. 351.) Missão não-agressiva é a única forma de missão verdadeira. Por demais vezes, assim se poderia dizer, a missão impunha a cruz em vez de ela mesma assumi-la. A missão humilde impossibilita reivindicações absolutistas sem, de outro lado, trair a fé em Jesus Cristo. Para tanto a seguinte colocação de San Antonio é instrutiva: “Nós não podemos indicar outro caminho de salvação que Jesus Cristo. Ao mesmo tempo, porém, não podemos estabelecer limites para o poder salvador de Deus.”<sup>41</sup>

O Manifesto de Manila é mais determinante neste ponto, reafirmando a unicidade de Jesus Cristo e negando expressamente que as outras religiões e

ideologias sejam “caminhos alternativos para chegar a Deus”. É a questão crucial a merecer lugar privilegiado na agenda ecumênica dos próximos tempos, a saber: como conciliar o “exclusivismo” de Jesus Cristo com o “inclusivismo” do Deus criador? Existe uma via entre a Cila do relativismo e a Carídis do fanatismo? Há que se renunciar, porventura, ao conceito da verdade religiosa que supostamente pode ser apenas uma? Não vejo conflito entre San Antonio e Manila concernente a este assunto. No entanto, os acentos não são exatamente os mesmos. Num mundo pluri-cultural a pergunta pelo que é válido e subsiste se torna literalmente constrangedora<sup>42</sup>. Será matéria obrigatória do “ecumenismo integral”, exigindo ambas as coisas, ou seja: a consciência da fragmentariedade de todo conhecimento humano (cf. 1 Co 13.12), bem como a firmeza decorrente da experiência da fé (cf. Rm 8.38s.).

3. Importante é ainda a visão crítica das culturas que em San Antonio se apregou. Todas as culturas têm aspectos positivos e negativos, com inclusão da própria. Pode haver nelas forças opressoras a serem rompidas pelo poder libertador do evangelho. Culturas, portanto, significam riquezas, e todavia não deixam de ser fenômenos ambíguos, passíveis de avaliação crítica. Essa sobriedade na conceituação das culturas certamente representa um elemento promissor no esforço por paz neste mundo.

Jamais as guerras religiosas se revestiram de tamanha periculosidade como hoje. O ecumenismo integral, pois, formula um projeto urgentíssimo. Simultaneamente, é uma implicação do evangelho destinado a resgatar a humanidade toda em nova comunhão sob o senhorio de Deus. À missão integral corresponde o ecumenismo integral. A extensão e ampliação do ecumenismo ao mundo religioso em geral, às culturas e etnias de todo o mundo, parecem-me ser o grande desafio do terceiro milênio. O objetivo não se resume ao exercício de tolerância somente, por mais importante que seja. A paz excede a mera coexistência. Baseia-se em comunhão. E esta não se faz sem entendimentos na fé.

Há que se convir, entretanto, que comunhão pode legitimamente expressar-se em diversos graus de intensidade. Não podemos ter a mesma forma de comunhão com todas as pessoas. Existem os próximos que o são mais e os que o são menos. O que importa não é evitar a graduação da comunhão humana, e sim a sua ruptura. Também o próximo mais distante permanece sendo próximo, portanto integrante da comunhão abrangente que a todos abraça. Assim também o ecumenismo deverá distinguir vários níveis, de acordo com os respectivos parceiros. Ele poderá ser mais ou menos intensivo.

Essa ressalva protege contra frustração e simplismos enganosos. Se é verdade que todos os seres humanos foram criados à imagem de Deus e gozam da mesma dignidade, é certo também que nem todos crêem em Cristo e invocam a Deus da mesma maneira. O ecumenismo está proibido de jogar as diferenças na mesma panela, de sacrificar a verdade e de evitar conflitos<sup>44</sup>. Seria cultivar ilusões e apregoar uma unidade superficial, incapaz de resistir ao mínimo impacto. Essen-

cial é que a variedade cultural com as tensões que gera seja vivida dentro do âmbito da comunhão maior, peculiar das criaturas de Deus. Divergências podem ser suportadas enquanto a consciência da comunhão prevalece por sobre a da separação, ou seja, enquanto as forças centrípetas excedem as centrífugas.

A meta última do ecumenismo naturalmente permanece sendo a plena comunhão no trino Deus. É o objetivo comum do ecumenismo e da missão. Para alcançá-lo há que se valorizar também os pequenos avanços. Cumpre, num primeiro passo, estabelecer e ensaiar comunhão criacional, comprometida com a justiça, a paz e a preservação do meio ambiente. Trata-se de promover o desarmamento global das culturas e a transformação do confronto em cooperação, com o fim de assegurar o respeito à vida e o desenvolvimento sustentável da espécie humana. É a meta que corresponde à missão para a justiça e se eleva acima dos credos específicos dos povos<sup>45</sup>.

Entretanto, a ética é uma base por demais estreita para a real comunhão humana. Também utopias ou projetos sociais são princípios ecumênicos no fundo insuficientes. Diversidade excludente, inimiga, necessita não só de desarmamento e cooperação na sobrevida; necessita muito mais de reconciliação<sup>46</sup>. Em outros termos, a comunhão plena tem por condição o culto comum a Deus, aliás culto em sentido lato como “martíria”, liturgia e diaconia. O ecumenismo não pode renunciar à missão. Mesmo que este culto intercultural por ora não nos seja possível, não há como desprezar os pequenos passos que a ele conduzem.

Assim sendo, o “macroecumenismo” é concebível apenas como conjunto de diferentes “ecumenismos”, cada qual com sua validade, mas em planos diferentes e em formas peculiares. Esses ecumenismos, se autênticos, serão uma aproximação gradativa à unidade escatológica, em que Deus será tudo em todos. Foi muito oportuna a lembrança de San Antonio de que essa empreitada requer a sábia conjugação de duas virtudes: a humildade e a firmeza.

#### **4. Missão na Unidade**

San Antonio nada mais foi do que uma etapa na caminhada da missão. Houve quem até lamentasse a natureza incompleta dos resultados da Conferência. Ainda assim, valiosos impulsos foram dados, inclusive para a Assembléia Geral do CMI em Canberra, em 1991<sup>47</sup>. San Antonio prosseguiu na aproximação de posições outrora conflitantes. Assinala-o, entre outras, a carta escrita por participantes evangélicas a seus irmãos e irmãs em Manila, convidando a novamente somar as forças. O apelo recebeu o endosso da Conferência toda mediante moção apresentada pela Seção I. De fato as diferenças não sumiram, mas ficaram reduzidas a ponto de questionarem seriamente a caminhada paralela e o conseqüente desperdício de energias.

Este alerta se aplica às igrejas em geral. Em San Antonio mais uma vez se

insistiu na unidade. Desunião enfraquece a missão. Seguindo a Afirmação Ecumênica de 1982, San Antonio coloca missão e unidade numa relação inseparável. Entretanto, revelam-se aí também os limites de tais conferências. A “missão em unidade”, da qual se falou, permaneceu sendo um postulado, um reclamo, um sonho sem feições precisas. San Antonio, a seu modo, atestou a escassez de visões ecumênicas na atualidade. Na Seção IV exigiu-se a revisão e renovação das “tradicionais concepções eclesiológicas”. Indicaram-se os níveis em que isto deve acontecer (p. 393). Mas por sugestões concretas procura-se em vão. Confirma-se, infelizmente, estar emperrado o processo de recepção e assimilação das propostas e dos apelos ecumênicos, e que por ora continuam excludentes os princípios de unidade em vigor nas instituições eclesíásticas<sup>48</sup>.

Acresce-se a isso um déficit formal de tais conclaves ecumênicos. Diz respeito à natureza representativa e ao poder decisório dos mesmos. Quem neles se reúne? Serão as igrejas as promotoras, uma entidade de vanguarda financiada pelas igrejas mas não idêntica a elas, um grupo de especialistas em ecumenismo, missão ou outras? A indefinição confunde os delegados, permite às igrejas a atitude da indiferença e diminui o valor dos resultados. Urge que as igrejas assumam com mais determinação o movimento ecumênico e que este trate de não perder o embasamento eclesial<sup>49</sup>.

Apesar dessas ressalvas, porém, a importância de conferências como a de San Antonio dificilmente pode ser superestimada. Isto, por um lado, por impedir a *acomodação ecumênica*. Recolher-se à própria fortaleza, privilegiar os assuntos internos e esquivar-se ao desafio da pluralidade são a permanente tentação das igrejas e de cada grupo dentro delas. O ecumenismo amplia os horizontes da fé, insere na verdadeira catolicidade da Igreja, cria laços de união para além de todos os particularismos. O cuidado responsável pela criação e a divulgação do evangelho além-fronteiras necessitam dessa abertura do pensamento. O mesmo vale com relação à escatologia. Quem pensa o futuro deve pensá-lo em termos ecumênicos. O futuro não pode ser privatizado. Ele vai ser comum ou não vai existir. Também as igrejas precisam desse lembrete.

Ademais, San Antonio e suas conferências-irmãs impedem a *acomodação missionária*. Foi impossível esgotar nas reflexões precedentes a totalidade dos aspectos. Conferências tais permitem tomar o pulso da missão em nossos dias. Revelam tendências. Cito entre elas, ainda, a redescoberta da liturgia como elemento da missão. Culto e missão são outra dupla inseparável. Ou então é flagrante a valorização da comunidade local. A missão não fica confinada a um grupo de “simpatizantes”, nem mesmo a sociedades missionárias. Não se questiona o valor dos mesmos. Mas de que o mundo de hoje realmente necessita é da comunidade missionária. Essa exigência implica a laicização da missão, sua transferência das mãos de especialistas às dos membros, a reativação do sacerdócio de todos os crentes.

Finalmente, porém, esperam-se de conferências mundiais de missão e evangelização fortes impulsos e substancial motivação. Pois está aí a raiz das crises. A

fé, se autêntica, tem necessidade de compartilhar seus motivos. É como alegria contagiante, muito semelhante à daquela mulher na parábola que, tendo reencontrado a dracma perdida, convida amigas e vizinhança para concelebrar (Lc 15.8s.). Comprova-se também na missão a palavra de Jesus que diz: “(...) porque a boca fala do que está cheio o coração” (Mt 12.34). Se a boca for muda, é porque o coração está vazio. Uma Igreja que não mais comunica a fé está acometida de grave enfermidade.

Espero também de Salvador, no próximo ano, tal motivação, aliás para uma missão não-violenta, respeitosa, enriquecedora para todos e, ainda assim, “ardente”, assim como ardia o coração dos discípulos no caminho de Emaús, quando o Jesus ressuscitado caminhava a seu lado (Lc 24.32). E que neste ardor as igrejas encontrem sua unidade, colocando um sinal inequívoco da unidade de propósitos do trino Deus.

### Bibliografia

- IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *A IECLB — Igreja Missionária no Brasil*; Documentos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Ano 1(1). São Leopoldo, Centro de Elaboração de Material da IECLB, 1981.
- ALTHAUS, Hans Ludwig. San Antonio 1989 in Canberra 1991. In: *Jahrbuch Mission 1991*, Hamburg, 1991. p. 138-142.
- BELO DE AZEVEDO, Israel, ed. *A Missão da Unidade*; o Debate entre Evangélicos e Católicos sobre a Missão. Belo Horizonte, Missão, 1989.
- BERNHARD, Rui & MALSCHITZKY, Harald. Novas Propostas Missionárias — um Desafio Constante. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 31(2):193-199, 1991.
- BLAUW, Johannes. *A Natureza Missionária da Igreja*. São Paulo, ASTE, 1966.
- BOFF, Leonardo. Exigências Teológicas e Eclesiológicas para uma Nova Evangelização. In: SUESS, Paulo, ed. *Queimada e Semeadura*. Petrópolis, Vozes, 1988. p. 130-150.
- . Em Favor do Sincretismo: a Produção da Catolicidade do Catolicismo. In: —. *Igreja: Carisma e Poder*. São Paulo, Ática, 1994. p. 157-185.
- . Características da Igreja numa Sociedade de Classes. In: —. *Igreja: Carisma e Poder*. São Paulo, Ática, 1994. p. 185-209.
- BRAKEMEIER, Gottfried. Reino de Deus, Transformação e Igreja. In: —. *Testemunho da Fé em Tempos Difíceis*. São Leopoldo, Sinodal, 1990. p. 25-39.
- . Os Princípios Missionários do Apóstolo Paulo conforme 1 Coríntios 9.19-23. In: DREHER, Martin N., ed. *Peregrinação*; Estudos em Homenagem a Joachim Herbert Fischer. São Leopoldo, Sinodal, 1990. p. 64-75.
- . Aproximação das Igrejas?; Avanços e Retrocessos. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, 17(282):34-37, 1995.
- . Ökumene vor der ethischen Problematik. In: VORSTER, H. & GÖCKENJAN, eds. *Erkennen und Versöhnen*; Ökumenisches Arbeitsbuch Heinz Joachim Held zu Ehren; Beiheft zur *Ökumenischen Rundschau* 65. Frankfurt/M., 1993. p. 30-37.
- BRANDT, Hermann. Teologia Contextual como Sincretismo? *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 27(2):103-119, 1987.

- COMBLIN, José. A Presença Universal do Reino de Deus. In: PAPE, Carlos et al. *A Missão a partir da América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1983. p. 35-83.
- CONSELHO DIRETOR DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Missão e Proselitismo; Anexo 1 do *Boletim Informativo da IECLB*, nº 136, 1994.
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. *Uma Igreja para o Mundo*. Trad. Jaci C. Maraschin. Edições Oikumene; Publicadora Ecclesia, s. d.
- . Missão e Evangelização — uma Afirmação Ecumênica. Rio de Janeiro CEDI, 1983. (= Mission and Evangelism — An Ecumenical Affirmation. *International Review of Mission*, Geneva, 71(284):427-452, 1982).
- DREHER, Martin. América Latina 500: Evangelização entre Cativo e Libertação. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 32(1):15-27, 1992.
- . A Missão de Deus na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 33(3):261-278, 1993.
- . *500 Anos de Cristianismo na América Latina*. São Leopoldo, CEBI, 1992 (A Palavra na Vida, 51).
- ESCOBAR, Samuel. Lausanne II e a Peregrinação da Missiologia Evangélica. *Boletim Teológico*, São Paulo, 4(12):15-29, 1990.
- FITZGERALD, Michael. Mission in Canberra. *International Review of Mission*, Geneva, 80(319/320):315-327, 1991.
- FLUCK, Marlon. Evangelização no Brasil Colônia (Séc. XVI e XVII). *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 31(2):151-171, 1991.
- FRIELING, Reinhard. *Der Weg des ökumenischen Gedankens; eine Ökumenekunde*. Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1992 (Kleine Vandenhoeckreihe, 1564).
- GASSMANN, Günther & MEYER, Harding, eds. *Neue transkonfessionelle Bewegungen*. Frankfurt/M., O. Lembeck/J. Knecht, 1976 (Ökumenische Dokumentation, 3).
- GENSICHEN, Hans Werner. Verbete “Missionskonferenzen”. In: *Ökumene Lexikon*. Frankfurt am Main, O. Lembeck/J. Knecht, 1983. col. 820-825.
- . Die deutsche Mission und der Kolonialismus. *Kerygma und Dogma*, Göttingen, 8:136-151, 1962.
- GORSKY, Juan. Intepelações Missionárias e Nova Missiologia na América Latina. In: PAPE, Carlos et al. *A Missão a partir da América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1983. p. 83-120.
- GRELLERT, Manfred. *Os Compromissos da Missão; a Caminhada da Igreja no Contexto Brasileiro*. Belo Horizonte, Visão Mundial, 1987.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação; Perspectivas*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- HELD, Heinz Joachim. San Antonio auf dem Weg zwischen Vancouver und Canberra. In: SCHOLZ, Rüdiger, ed. *Partner der Ökumene*. Bielefeld, Luther, 1993. p. 108-118.
- HOCH, Lothar C. A Voz de Deus em Outros Povos. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 35(2):177-186, 1995.
- KESSLER, Juan & NELSON, Wilton M. Panamá 1916 y Su Impacto sobre el Protestantismo Latinoamericano. In: *Oaxtepec 1978; Consejo Latino-Americano de Iglesias*. s. 1., 1980. p. 11-31.
- KOHLER, Werner. Kirche und Mission im Umdenken. *Evangelische Theologie*, München, 30:379-392, 1970.
- KRUSCHE, Werner. Die bisherige ökumenische Diskussion der Frage nach den Strukturen missionarischer Gemeinden. In: NEVE, H. T. & KRUSCHE, W., eds. *Quellen der Erneuerung*. Genf, 1968. p. 49-99.
- LANGERAK, Ana. The Significance of the Salvador Conference Theme. *International Review of Mission*, Geneva, 84(334):237-245, 1995.

- LÖFFLER, Paul. O Problema Ecumênico da Evangelização. *Concilium*, Petrópolis, 134(4):117-124, 1979.
- . Verbete "Mission". In: *Ökumene Lexikon*. Frankfurt/M., O. Lembeck/J. Knecht, 1983. col. 815-818.
- MANIFESTO DE MANILA. *Boletim Teológico*, São Paulo, 3(10):65-68, 1989.
- MATTHEY, Jacques. Die Weltmissionskonferenzen seit 1910. In: *Evangelische Mission 1979*. Hamburg, 1979. p. 119-126.
- MENSAGEM DO 5º CONGRESSO MISSIONÁRIO LATINO-AMERICANO (COMLA) AO POVO DE DEUS. Polígrafo. Julho de 1995.
- MÍGUEZ BONINO, José. Social Doctrine as a Locus for Ecumenical Encounter. *The Ecumenical Review*, Geneva, 43(4):392-401, 1991.
- . Mission — Konflikt und Herausforderung. In: *Evangelische Mission 1979*. Hamburg, 1979. p. 50-62.
- ÖKUMENISCHER RAT DER KIRCHEN. *Teure Einheit*. Genf, 1993. (Edição em português: *Unidade Preciosa*; uma Consulta do Conselho Mundial de Igrejas sobre *Koinonía* e Justiça, Paz e Integridade da Criação. Porto Alegre, CONIC, 1993).
- OSSEWAARDE, Saskia & TIEL, Gerhard. Algumas Teses sobre Missão, Ecumenismo e a Relação com Outras Religiões. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 32(3):253-264, 1992.
- PADILLA, René. *Missão Integral*. São Paulo, Fraternidade Teológica Latino-Americana, 1992.
- PAPE, Carlos. A Missão no Século XXI e a Responsabilidade das Igrejas da América Latina. In: —, ed. *A Missão a partir da América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1983. p. 9-33.
- PICH, Roberto Hofmeister & ZWETSCH, Roberto E. Elementos de um Novo Paradigma de Missão; Breve Exposição do Pensamento de David J. Bosch. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 35(2):211-215, 1995.
- RAISER, Elisabeth. Zur Weltversammlung für Gerechtigkeit, Frieden und Bewahrung der Schöpfung in Seoul. *Zeitschrift für evangelische Ethik*, 34:242-247, 1990.
- RAISER, Konrad. Visão e Vocação Ecumênicas. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, 15(271):18-20, 1993.
- . A Caminho de uma Redefinição do Perfil dos Leigos no Movimento Ecumênico. In: VAN KAICK, Baldur & RAISER, Konrad, eds. *Movimento Ecumênico*. São Leopoldo, CECA, s. d.
- REDEMPTORIS MISSIO. Carta Encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II. 3. ed. São Paulo, Paulinas, 1991.
- REHM, Johannes. *Verantwortlich leben in der Weltgemeinschaft; zur Auseinandersetzung um das "Projekt Weltethos"*. Gütersloh, Kaiser, 1994.
- SANTA ANA, Julio de. *Ecumenismo e Libertação*. Trad. Jaime A. Clasen. São Paulo, Vozes, 1991 (Teologia e Libertação, IV/14).
- . Em Favor de um Ecumenismo Integral. *Tempo e Presença*, Rio de Janeiro, 15(271):21-22, 1993.
- SCHERER, James. *Evangelho, Igreja e Reino*; Estudos Comparativos de Teologia da Missão. São Leopoldo, Sinodal, 1991.
- . Salvador, Bahia 1996 — What Will It Mean? *International Review of Mission*, 84(334):223-237, 1995.
- SCHMIDT, Ervino & ALTMANN, Walter, eds. *Inculturação e Sincretismo*. São Leopoldo, Sinodal, 1994.
- STEUERNAGEL, Váldir R. Responsabilidade Social e Evangelização; a Trajetória do Movimento de Lausanne. *Boletim Teológico*, São Paulo, 4(12):5-15, 1990.
- , org. *A Missão da Igreja; uma Visão Panorâmica sobre os Desafios e Propostas de Missão para a Igreja na Antevéspera do Terceiro Milênio*. Belo Horizonte, Missão, 1994.
- STOTT, John R. W. *Gesandt wie Christus*. Trad. Gerd Rumler. Wuppertal, R. Brockhaus, 1976.
- SUESS, Paulo. Liberdade e Servidão: Missionários, Juristas e Teólogos Espanhóis do Século XVI frente à Causa Indígena. In: —, ed. *Queimada e Semeadura; da Conquista Espiritual ao Descobrimto de uma Nova Evangelização*. Petrópolis, Vozes, 1988. p. 21-45.

- , org. *Culturas e Evangelização*. São Paulo, Loyola, 1991.
- SUNDERMEIER, Theo. Pluralismus, Fundamentalismus, Koinonia. *Evangelische Theologie*, München, 54:293-310, 1994.
- . Inkulturation und Synkretismus; Probleme einer Verhältnisbestimmung. *Evangelische Theologie*, München, 52:192-209, 1992.
- . Begegnung mit dem Fremden; Plädoyer für eine verstehende Missionswissenschaft. *Evangelische Theologie*, München, 50:390-400, 1990.
- THE SAN ANTONIO CONFERENCE. *International Review of Mission*, 78(311/312), 1989.
- THILO, Hans Joachim. Die Rückkehr zum Numinosen; Christus und die Religionen, Teil 1. *Lutherische Monatshefte*, 34(2):8-11, 1995.
- TIEL, Gerhard. A Unidade da Igreja. *Simpósio*, São Paulo, 33:39-60, 1990.
- TOGETHER IN GOD'S MISSION. A Lutheran World Federation Contribution to the Understanding of Mission. *LWF-Documentation*, 26, 1988. (Edição em português: *Juntos na Missão de Deus*. São Leopoldo, Sinodal, 1990).
- VISSER'T HOOFT, Willem A. Las Misiones como Prueba de la Fe. *Ekklesia*, Buenos Aires, 18(8):152-159, 1964.
- WAGNER, Herwig. Die Kirche und ihre Sendung. In: *Lutherische Beiträge zur Missio Dei*. Erlangen, Martin-Luther, 1982. p. 105-113.
- . Synkretismus — Anzeichen eines unbewältigten Wandels? *Nachrichten der Evangelisch-Lutherischen Kirche in Bayern*, 44(1):1-4, 1989.
- WEBER, Hartmut. Eindrücke von der Weltmissionskonferenz in San Antonio. *Nachrichten der Evangelisch-Lutherischen Kirche in Bayern*, 44(12):225-227, 1989.
- WESTHELLE, Vítor. Missão e Poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 31(2):183-193, 1991.
- WILFRED, Felix. Interkulturelle Begegnung statt Inkulturation. In: *Jahrbuch Mission 1995*. Hamburg, 1995. p. 114-134.
- WILSON, Frederik R. Der weite Weg von Edinburgh nach San Antonio 1989. In: *Jahrbuch Mission 1989*. Hamburg, 1989. p. 160-165.
- ZWETSCH, Roberto E. Missão e Alteridade. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 34(2):159-175, 1994.
- . Las Casas — um Profeta da Causa Indígena. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, 31(2):134-151, 1991.

## Notas

\* Preleção inaugural proferida na Escola Superior de Teologia a 18 de outubro de 1995.

1 Willem A. VISSER'T HOOFT, Las Misiones como Prueba de la Fe, p. 152. A tradução é nossa. As indicações bibliográficas completas se encontram na bibliografia abaixo.

2 A seguir usaremos “missão” e “evangelização” como sinônimos. Assim acontece na maioria dos documentos ecumênicos. Mas há quem faça distinção. Neste caso, “evangelização” designa uma dimensão específica da missão cristã abrangente. Assim, por exemplo, John R. W. STOTT, *Gesandt wie Christus*, p. 33 e passim. Portanto, há que se atentar para o significado exato que se atribui aos termos.

3 James A. SCHERER, *Evangelho, Igreja e Reino*, p. 14. O grifo é do autor.

4 Veja Reinhard FRIELING, *Der Weg des ökumenischen Gedankens*, p. 276s. Quanto à pré-história do movimento evangelical e do Congresso de Lausanne, remetemos a Günther GASSMANN &

- Harding MEYER, eds., *Neue transkonfessionelle Bewegungen*, p. 49s. A trajetória desse movimento está muito bem refletida em Samuel ESCOBAR, *Lausanne II e a Peregrinação da Missiologia Evangélica*, p. 15s. Interessantes também os demais artigos deste mesmo número.
- 5 Veja, entre outros, Julio de SANTA ANA, *Ecumenismo e Libertação*, p. 231s.; James A. SCHERER, op. cit., p. 75s.
- 6 Todos esses documentos estão indicados na bibliografia.
- 7 Citamos apenas três obras mais recentes, representativas para esse movimento: Manfred GRELLERT, *Os Compromissos da Missão*; René PADILLA, *Missão Integral*; Valdir STEUERNAGEL, org., *A Missão da Igreja*.
- 8 Veja o documento do mesmo nome publicado em 1981.
- 9 “Não existe nenhuma outra igreja senão a Igreja enviada ao mundo e não há outra missão a não ser a Igreja de Cristo.” Assim Johannes BLAUW, *A Natureza Missionária da Igreja*, p. 122. Esta formulação corresponde exatamente às ênfases da missiologia antes e depois da Segunda Guerra Mundial. “Quem diz Igreja diz missão; e quem diz missão diz Igreja.” (Hans W. GENSICHEN, verbete “Missionskonferenzen”, col. 821 (tradução nossa). Cf. também Paul LÖFFLER, verbete “Mission”, col. 817.
- 10 No tocante à América Latina, chamamos a atenção para Martin N. DREHER, *América Latina 500: Evangelização entre Cativo e Libertação*; ID., *500 Anos de Cristianismo na América Latina*; Marlon R. FLUCK, *Evangelização no Brasil Colônia (Séc. XVI e XVII)*; Paulo SUESS, *Liberdade e Servidão*, bem como aos demais artigos da coletânea por ele organizada sob o título *Queimada e Semeadura*. A missão se processava, em nosso continente, predominantemente como conquista, sendo que esta, por sua vez, legitimava-se pela missão. Ainda assim, proibem-se juízos genéricos. Embora insuficiente, houve também o protesto da parte dos missionários contra as atrocidades dos colonizadores, sendo Bartolomeu de Las Casas certamente a voz mais destacada do mesmo, mas não a única. Cf. Roberto E. ZWETSCH, *Las Casas — um Profeta da Causa Indígena*. Tendo em vista outros continentes, cf. Hans W. GENSICHEN, *Die deutsche Mission und der Kolonialismus*, um alerta para a necessidade de juízos diferenciados. Aliás, as estatísticas religiosas em nosso mundo seriam outras sem o empenho abnegado das missões no passado. Não obstante, cabe à Igreja assumir sua culpa.
- 11 Ap. Willem VISSER'T HOOFT, op. cit., p. 156. Boa síntese das suspeitas enfrentadas pela missão na atualidade encontra-se em José COMBLIN, *A Presença Universal do Reino de Deus*, p. 46s.; James SCHERER, op. cit., p. 21s.
- 12 Mas veja Roberto H. PICH & Roberto E. ZWETSCH, *Elementos de um Novo Paradigma de Missão*; *Breve Exposição do Pensamento de David J. Bosch*. Até que ponto esse pensamento, originário da África do Sul, trará inovação, na prática das igrejas históricas na América Latina, é difícil de prever. De qualquer maneira, são urgentes novos impulsos.
- 13 Documentação em: *International Review of Mission*, The San Antonio Conference, vol. 78(311/312), 1989. Todas as referências a seguir, cuja tradução é sempre nossa, baseiam-se neste documentário, o que vale também para a indicação das páginas no texto.
- 14 Assim Theo SUNDERMEIER, *Begegnung mit dem Fremden*, p. 392. Cf. também Roberto E. ZWETSCH, *Missão e Alteridade*, p. 166, com especial referência a Georg Vicedom e seu livro *Missio Dei*, lançado em 1958, cuja edição em português será publicada ainda neste ano pela Editora Sinodal.
- 15 Theo SUNDERMEIER, op. cit.
- 16 Esse documento foi publicado em tradução para o português em 1969 sob o título *Uma Igreja para o Mundo*; Estudo das Estruturas Missionárias da Congregação. A obra provocou muita discussão. Avaliação substancial foi apresentada por Werner KRUSCHE, *Die bisherige ökumenische Diskus-*

sion der Frage nach den Strukturen missionarischer Gemeinden. Cf. também Hans J. MARGULL, ed., *Mission als Strukturprinzip*.

- 17 Formulações especialmente drásticas encontram-se a esse respeito em Werner KOHLER, *Kirche und Mission im Umdenken*, a exemplo da seguinte: “A Igreja tem futuro [somente] enquanto enxergar sua tarefa na permanente auto-suspensão” (p. 388; tradução nossa). Também na América Latina há vozes enfatizando que o “evangelho não é um instrumento para fundar a Igreja, ou para implantar a Igreja, ou para recrutar novos membros para a Igreja” (José COMBLIN, op. cit., p. 57).
- 18 Porventura a função da Igreja se resume a ser instrumento do reino de Deus, e nada mais? Assim, entre outros, Martin N. DREHER, *A Missão de Deus na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*, p. 270, 277. Tal ênfase é oportuna como advertência contra o triunfalismo eclesiástico. Documentos ecumênicos recentes, porém, com muito acerto, destacam que a Igreja, além de ferramenta, é sinal do reino de Deus. Cf. a declaração da Federação Luterana Mundial *Together in God's Mission*, p. 9. A já referida “Afirmação Ecumênica” do Conselho Mundial de Igrejas fala da comunidade cristã como “célula do Reino” (p. 438). E com efeito, na comunidade de fé, particularmente em sua liturgia e diaconia, se antecipa algo do futuro. Reino de Deus sem comunidade é inconcebível. Conseqüentemente, a comunidade de fé não deixa de ser um dos alvos da missão. O reino de Deus cria e engaja comunidade. “A igreja não é o Reino de Deus, mas o resultado concreto do Reino” (René PADILLA, op. cit., p. 201).
- 19 Veja o Manifesto desse Congresso.
- 20 John STOTT, op. cit. (A 3).
- 21 Carlos PAPE, *A Missão no Século XXI*, p. 16.
- 22 Para tanto alerta, com muita propriedade, Paul LÖFFLER, *O Problema Ecumênico da Evangelização*: “(...) pois os indivíduos, conquistados através da evangelização, necessariamente devem aderir a uma igreja” (p. 120).
- 23 Afirmação 16 do Manifesto. Que a missão deve gerar comunidade é um aspecto muitas vezes suprimido na discussão missiológica da atualidade. Por quê? Seria trágico se sob a justa oposição ao proselitismo se escondesse nada mais do que uma xenofobia relutante em integrar na comunhão o diferente. O crescimento numérico da Igreja obviamente não é prova de autenticidade evangélica. Mas muito menos o é a estagnação. Construir comunidade é o grande desafio eclesiológico do futuro. A missão deve buscar a adesão das pessoas à causa do evangelho. Cf., entre outros, Leonardo BOFF, *Exigências Teológicas e Eclesiológicas para uma Nova Evangelização*, p. 144. Numa retrospectiva da história do protestantismo na América Latina se constata com muito pragmatismo: “(...) a crua realidade é que se necessita de crescimento eclesial para poder exercer influência social” (Juan KESSLER & Wilton NELSON, Panamá 1916, p. 25. A tradução é nossa).
- 24 In: *International Review of Mission*, 71(284):423, 1982.
- 25 Assim, por exemplo, Herwig WAGNER, *Die Kirche und ihre Sendung*, p. 110.
- 26 São estas as perguntas que também estão na raiz da teologia da libertação e que fizeram Gustavo GUTIÉRREZ afirmar que há uma só história (*Teologia da Libertação*, p. 129s. e passim). Ainda não está escrita a história da inter-relação entre esta teologia e o movimento ecumênico, que, nos anos 60/70, provocou o que se chamou “a conversão da Igreja ao mundo” (Carlos PAPE, op. cit., p. 15).
- 27 James A. SCHERER, op. cit., p. 95s.
- 28 Heinz J. HELD, *San Antonio auf dem Weg zwischen Vancouver und Canberra*, p. 113.
- 29 Veja, por exemplo, meu estudo *Reino de Deus, Transformação e Igreja*, p. 30s. Que a missão exige a conversão não só dos destinatários do evangelho, e sim também dos seus agentes e das igrejas, é uma tônica ecumênica comum.
- 30 De acordo com Valdir R. STEUERNAGEL, *A Igreja rumo ao Ano 2000*, p. 97, prevalece na sociedade uma “cultura do shopping center” a ser denunciada como o anti-reino. Aparta-se da

- favela, recusa-se a ver a realidade, é elitista e não quer aprender a dividir. A missão da Igreja vai por outro caminho, o da justiça, do reino de Deus, de Jesus. Veja do mesmo autor: Responsabilidade Social e Evangelização, p. 5s.
- 31 Para tanto são exemplo as “teses sobre missão, ecumenismo e a relação com outras religiões” de Saskia OSSEWAARDE & Gerhard TIEL, que priorizam a luta pela justiça, paz e integridade da criação em cada uma dessas esferas. O compromisso ético social, pois, é a base precípua da atuação das igrejas. Compare, quanto a esta questão, Vítor WESTHELLE, Missão e Poder; Rui BERNHARD & Harald MALSCHITZKY, Novas Propostas Missionárias; etc.
- 32 Exemplo é a convocação de Seoul, em 1990. Cf. Elisabeth RAISER, Zur Weltversammlung für Gerechtigkeit, Frieden und Bewahrung der Schöpfung in Seoul, p. 242s.
- 33 Veja José MÍGUEZ BONINO, Social Doctrine as a Locus for Ecumenical Encounter; Günther BRAKEMEIER, Ökumene vor der ethischen Problematik; etc.
- 34 Frederik R. WILSON, Der weite Weg von Edinburgh nach San Antonio 1989, p. 160; James A. SCHERER, op. cit., p. 13; etc. Aliás, em 1893 teve lugar, em Chicago, pela primeira vez, uma assembléia mundial das religiões. Nela as igrejas representavam a maioria, não escondendo sua convicção de que o desaparecimento das demais religiões seria apenas uma questão de tempo. Veja Hans J. THILO, Die Rückkehr zum Numinosen, p. 8. Foi um erro fatal.
- 35 São palavras da VII Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, em Canberra 1991 (cit. ap. Hans L. ALTHAUS, San Antonio 1989 in Canberra 1991, p. 138 [tradução nossa]). Que a missão hoje deva ser antes transformação social do que conversão individual é uma ênfase que teve muita razão de ser. Cf. José MÍGUEZ BONINO, Mission — Konflikt und Herausforderung. Mas há que se cuidar para não cair em falsas alternativas.
- 36 Remetemos a Leonardo BOFF, Em Favor do Sincretismo; Herwig WAGNER, Synkretismus — Anzeichen eines unbewältigten Wandels; Hermann BRANDT, Teologia Contextual como Sincretismo?; Ervino SCHMIDT & Walter ALTMANN, eds., *Inculturação e Sincretismo*.
- 37 Julio de SANTA ANA, Em Favor de um Ecumenismo Integral, p. 21.
- 38 Cit. ap. ID., *ibid*.
- 39 Veja Gottfried BRAKEMEIER, Os Princípios Missionários do Apóstolo Paulo conforme 1 Coríntios 9.19-23, p. 71.
- 40 Cf. a palavra orientadora do Conselho Diretor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil sob o título “Missão e Proselitismo”, de março de 1994.
- 41 P. 351. A discussão sobre esse assunto está se tornando cada vez mais urgente. Há salvação à parte da fé em Jesus Cristo? Veja, entre outros, Hans L. THILO, op. cit.; Lothar C. HOCH, A Voz de Deus em Outros Povos. Da respectiva resposta depende o futuro da missão cristã.
- 42 A nova evangelização, da qual se fala na teologia católica e que se distingue pelo respeito às culturas, levanta interrogações ainda não suficientemente respondidas. O evangelho atua nas culturas ou se dirige às culturas? Em que sentido pode promovê-las (!), como é dito na “Mensagem do 5º Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 5) ao Povo de Deus” da Igreja Católica, de julho de 1995? Aliás, que significa exatamente “inculturação do evangelho”? Quanto ao todo, cf. Juan GORSKY, Interpeleções Missionárias e Nova Missiologia, p. 105s.; Paulo SUESS, org., *Culturas e Evangelização*; Theo SUNDERMEIER, Inkulturation und Synkretismus; Felix WILFRED, Interkulturelle Begegnung statt Inkulturation.
- 43 *Koinonia* (comunhão) está se tornando mais e mais designação para um projeto de unidade ecumênica justamente por permitir diferença na unidade. Foi sintomático o tema da 5ª Conferência Mundial de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, realizada em Santiago de Compostella em 1993, que dizia “A Caminho da Comunhão na Fé, na Vida e no Testemunho”. Cf. também ÖKUMENISCHER RAT DER KIRCHEN, *Teure Einheit*; Theo SUNDERMEIER, Pluralismus,

Fundamentalismus, Koinonia, p. 305s., além dos estudos sobre o tema de Santiago constantes, por exemplo, no vol. 45, 1993/1, de *The Ecumenical Review*.

- 44 Essa é a razão por que a busca da unidade não pode abrir mão do diálogo doutrinal. A simples renúncia à identidade confessional, como a exigia o modelo da “união orgânica”, defendida nos inícios do movimento ecumênico, ameaça conduzir a uma “miscelânea ecumênica” (Gerhard TIEL, *A Unidade da Igreja*, p. 44), ou seja, a uma Igreja sem perfil e identidade.
- 45 Merece, pois, todo o apoio o projeto de uma “ética planetária” proposto por Hans Küng e, entretantes, amplamente acolhido. Cf. Johannes REHM, ed., *Verantwortlich leben in der Weltgemeinschaft*. A globalização da economia, da comunicação e demais esferas precisa ser acompanhada pela ética.
- 46 Por isso, o modelo da “diversidade reconciliada” possui validade e relevância abrangente.
- 47 Veja, entre outros, Michael FITZGERALD, *Mission in Canberra*; Hartmut WEBER, *Eindrücke von der Weltmissionskonferenz in San Antonio*.
- 48 Mostra-o muito bem Leonardo BOFF, *Características da Igreja numa Sociedade de Classes*, p. 203. Importa insistir na assimilação dos processos ecumênicos pelas instituições eclesásticas.
- 49 Cf. Gottfried BRAKEMEIER, *Aproximação das Igrejas?*, p. 34.
- 50 De modo geral, o ministério do leigo e da leiga necessita ser revalorizado no movimento ecumênico e na vida das igrejas. É o que enfatiza com bons motivos Konrad RAISER, *A Caminho de uma Redefinição do Perfil dos Leigos no Movimento Ecumênico*.

Gottfried Brakemeier  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS